

OS OLHOS AZUIS DE RUBEM BRAGA

Luiza Maria Lentz Baldo

E Joaquina, de mão no queixo, olhando o céu,
era quem mais fazia: fazia olhos azuis. (Rubem Braga)

Rubem Braga nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, no dia 12 de janeiro de 1913 e morreu no Rio de Janeiro em 19 de dezembro de 1990. Aos 15 anos teve seus primeiros textos publicados no Correio do Sul, jornal que seus irmãos Jerônimo e Armando fundaram na cidade (Cf. Proença Filho, 2000). Durante seus sessenta e dois anos de atividade jornalística ele escreveu mais de quinze mil crônicas que, de acordo com José Castello, podem ser vistas como “confissões transparentes”. Isso foi possível porque, “para Braga, ser cronista é viver em voz alta” (Castello, 1996, p. 72). Dessa forma o cotidiano visto e vivido transformava-se, pela voz do cronista, num instante particular de reflexão, de humor ou de lirismo. Esse artigo pretende analisar duas crônicas de Rubem Braga para mostrar como o cronista constrói um texto trabalhado, mesmo quando se diz sem idéias para escrever. Isso para dizer que jornalismo e fazer literário caminham juntos quando se trata desse autor.

Conforme Antonio Candido, uma das virtudes da crônica é “ajustar-se à sensibilidade de todo o dia (...) por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir” (Candido, 1992, p. 13). Mas, ao contrário do que possa parecer, essa não é uma tarefa das mais fáceis. A arte está, justamente, no fato de tratar literariamente os assuntos corriqueiros, muitas vezes tão banais, que passam despercebidos, até mesmo de olhos acostumados a extrair do cotidiano a poesia, o humor, a novidade. Essa dificuldade já era notada por Machado de Assis no século XIX:

Ora, quando há matéria e o espírito está disposto, a coisa passa-se bem. Mas quando, à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao far niente, então é um suplício...

Um suplício sim.

Os olhos negros que saboreiam essas páginas coruscantes de lirismo e de imagens, mal sabem às vezes o que custa escrevê-las (Assis, 1973, p. 959).

Porém, tratando-se de crônica, até mesmo a falta de assunto pode se transformar em assunto. Embora tal recurso possa parecer algo bastante gasto, de tão usado, sempre há a possibilidade de renovação, pelo exercício da escrita. No entanto, conforme alguns depoimentos de cronistas, em muitos dias a crônica “não baixa”. Nessas horas, forçado pela urgência, uma vez que a edição de um jornal cumpre horários rígidos de fechamento das páginas, o cronista tenta, a todo custo, buscar inspiração. O processo é explicado num texto de Vinicius de Moraes:

Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica “não baixa”. O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração — e nada (Moraes, s.d., p. 08).

Todavia, quem se depara com a quantidade de assuntos tratados nas crônicas de Rubem Braga — tantos que facultaram a José Castello a organização do “dicionário (auto)biográfico” do cronista —, sequer imagina que também ele tem seus dias sem assunto. No entanto, mesmo nos momentos em que este se confessa “fraco de idéias” ou portador de uma “suave falta de assunto”, o leitor tem a exata consciência de estar diante de um mestre, tanto da arte, quanto da vida. As crônicas “Faço questão do córrego” e “A boa manhã” podem ser bastante esclarecedoras a esse respeito.

1. FAÇO QUESTÃO DO CÓRREGO

Essa é uma daquelas crônicas em que um assunto puxa o outro. De acordo com Décio de Almeida Prado, este seria um método nada metódico pelo qual o cronista conduziria, sutilmente, os leitores a algum objetivo (Cf. Castello, 1996, p. 71). Porém, na crônica em questão — em que o cronista confessa estar “com a chamada macaca” —, nota-se algo mais. O referido método se caracterizaria, também, como uma forma de desabafo. Desabafo este desencadeado pelo telefonema de uma moça pedindo idéias para um trabalho sobre crônicas e cronistas.

Como está num momento “fraco de idéias” que lhe possibilitem construir uma argumentação ponderada, o narrador acaba por extravasar sentimentos, um tanto confusos, numa mistura de queixas e justificativas que encaminham seus pensamentos para dentro de si próprio. Esse exercício introspectivo tem o poder de lhe restituir a serenidade, como se vê no último parágrafo da crônica, em que sobressai o tom lírico habitual, com um toque de humor. Desse modo, ele consegue não apenas rir das situações que o aborreceram, como também, provocar nossa reflexão. No entanto, esse humor que se apreende no fim da crônica é diferente do que perpassa o texto até o início do último parágrafo. A explicação para isso está no motivo

— ou na falta de motivo — que originou a crônica em questão, ou seja, o aborrecimento do cronista, provavelmente com o próprio ofício, o que lhe libera uma ironia ácida e provocadora.

Dessa habilidade em moldar ironicamente idéias conflitantes advém uma qualidade muito presente nos textos de Rubem Braga, qual seja, a capacidade de surpreender. E o que surpreende nessa crônica? Praticamente tudo, a começar pelas imagens da relação cronista/crônica/impressão. Sabe-se que o velho Braga foi o único, dentre os grandes escritores brasileiros, essencialmente cronista. É cronista consagrado, tanto que Clarice Lispector atribuiu-lhe a reputação de “inventor da crônica” (Lispector, 1984, p. 155). Por isso, seria pertinente pensar que escrever crônicas representasse, para ele, um exercício gratificante. Mas não é isso que se lê em “Faço questão do córrego”. Nessa crônica, o cronista se define como um “marginal”, um “burro-sem-rabo”, ou seja, aquele que carrega o peso e não é recompensado: “Dentro da engrenagem do jornal ou da revista moderna, o cronista é um marginal; é como um homem de carrinho de mão, um “burro-sem-rabo” dentro de uma empresa de transportes” (Braga, 1991, p. 85).

Essa referência à marginalização do cronista, aparentemente, tem raízes fincadas na antiga polêmica levantada por alguns críticos sobre a crônica ser considerada uma “arte menor” uma vez que escrita para o jornal e, por isso, transitória. De fato, a discussão sobre a transitoriedade ou a transcendência da crônica divide o pensamento dos críticos. O professor Massaud Moisés, por exemplo, mesmo reconhecendo que a crônica oscila entre a reportagem e a literatura e vendo em Rubem Braga um lirismo “espontâneo, natural e literário”, não vê com bons olhos os livros de crônicas. Nas palavras do crítico:

Fugaz como o jornal e a revista, mal resiste ao livro: quando um escritor se decide a perpetuar os textos que espalhou no dia-a-dia jornalístico, inevitavelmente seleciona aqueles que sua autocrítica e a alheia sugerem como os aptos a enfrentar o desafio do tempo. E por mais exigente que seja o seu paladar ou aguda sua percepção de

valores, as crônicas eleitas geralmente perdem, cedo ou tarde, a batalha contra o envelhecimento. A própria instituição do livro, não sendo sua morada permanente, mas a eventual, parece um ataúde, florido e pomposo, mas ataúde (Moisés, 1982, p. 119).

Por outro lado, Afrânio Coutinho já é bem menos categórico em seu julgamento, quando pensa a crônica como um “gênero anfíbio” que pode viver tanto “na coluna de um jornal como na página de um livro” (Coutinho, 1986, p. 135). De qualquer forma, o que não se pode negar é a evidência do trabalho com a palavra em muitos dos cronistas brasileiros, o que permite à crônica ultrapassar a condição transitória de texto jornalístico e atingir “transcendência literária”. No caso de Rubem Braga, por exemplo, o livro *200 crônicas escolhidas*, que reúne textos escritos entre 1935 e 1977, encontrava-se, em 2004, em sua vigésima segunda edição. Fatos como esse poderiam, no mínimo, justificar a revisão de (pré)conceitos de crônica como gênero menor e de cronista como um escritor marginal a quem, como disse o professor Antonio Candido, “(...) nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel (...) por melhor que fosse” (Candido, 1992, p. 13).

São pensamentos como esses que interferem no trabalho do cronista em dias de mau-humor. Não se está dizendo, com isso, que ele estivesse preocupado em receber altos prêmios, mas, conforme expresso em “Faço questão do córrego”, em alguns dias ele se sente, sim, injustiçado. Isso explica a imagem do “burro-sem-rabo” com que ele se pinta e sua preocupação em dar uma satisfação ao leitor que poderia ficar com a impressão de ter sido ludibriado por um cronista “sem assunto”:

Quando não tenho nenhum frete a fazer, sempre carrego alguma coisa, que é o peso de minha alma; e olhem lá que não é pouco. O leitor pensa que troto com meu carrinho vazio; e eu mesmo disfarço um pouco assobiando; mas no fim da crônica estou cansado do mesmo jeito (Braga, 1991, p. 86).

Com isso, ele quer dizer que leveza não significa superficialidade e que, por trás da conversa fiada, há uma elaboração cuidadosa e cansativa. O tom confessional do desabafo

transforma-se em sarcasmo quando o cronista reclama da má remuneração. Afinal, como ele já havia dito, trata-se de um trabalho pesado, do qual ele nem ao menos pode livrar-se, já que vive disso, ao contrário do leitor, que pode “largar a crônica no meio, ou no começo”. As alterações de tom observadas na crônica representam bem as oscilações de humor do cronista naquele dia em que não estava “nada bom”. Todavia, como se as palavras irônicas lhe houvessem aliviado a alma, ele readquire a serenidade de “cronista sentimental” e saudosista. Seu humor se adoça e a pulsação lírica volta ao ritmo habitual. Sendo assim, nada melhor do que encerrar a crônica arrancando da manga uma palavra curiosa, para brincar com um velho amigo:



Falar nisso, um amigo me disse que certa vez encontrou o Prudentinho [Prudente de Moraes Neto] com seu guarda-chuva na Rua da Candelária. Ficava-lhe bem, ao Prudente, a Rua da Candelária. Calhava a moldura ao homem, que era um paisano arciprestal (Braga, 1991, p. 87).

Serenizado, o cronista brinca, inclusive, consigo mesmo, comparando-se a uma “travessa triste” ou a “uma rua qualquer de subúrbio”. Ele não deseja grandes homenagens. Seu nome pode batizar uma rua bem simples, desde que por ela passe um córrego. Disso ele não abre mão.

Leitores atentos poderiam ver nesse “córrego” uma metáfora da crônica, que, nas palavras de Antonio Candido, “em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (Candido, 1992, p. 14). Assim, mesmo se dizendo “sem idéias”, o eu do cronista — que no caso se confunde com o próprio escritor — dá uma aula completa sobre a escrita da crônica.

2. A BOA MANHÃ

Analisando a obra de Rubem Braga, Davi Arrigucci Jr. aponta para o fato de que suas crônicas — desde as primeiras publicações, na década de 1930 — ultrapassaram o simples comentário jornalístico e alcançaram uma “consistência literária” até então desconhecida da crônica em jornal. De acordo com o crítico, nesse caso, observam-se dois paradoxos: sem dúvida tratava-se de um escritor sob influência modernista, haja vista sua prosa “desataviada e livre”, mas um escritor diferente, por ter escolhido como “espaço de criação” um “espaço de informação”, o jornal. E mais ainda, porque parecia haver uma discrepância entre o meio escolhido (o jornal) e a voz do escritor (a crônica). Isso porque o cronista “trazia algo escasso nos tempos atuais: a sua própria experiência” (Arrigucci Jr., 1985, p. 06).

Essa sensação de estranhamento diante de um texto que parece não se encaixar bem na moldura, pode ter sido um dos fatores decisivos do sucesso de Braga entre os leitores: um momento de fruição e reflexão em meio a notícias lidas apressadamente. Seria como se na agitação do dia-a-dia, no tumulto da vida moderna, um amigo aparecesse para uma conversa fiada, mas, de alguma maneira, proveitosa, porquanto portadora de uma nova visão das coisas.

Na crônica “A boa manhã”, ao contrário de “Faço questão do córrego”, o cronista sente-se bem. Por isso, o narrador exprime a leveza e a delicadeza de quem está feliz e ajustado a um cotidiano cuja simplicidade oferece conforto e segurança. Como está feliz, o narrador não quer se deparar com problemas, portanto, joga fora os jornais: “Apenas passo os olhos pelos jornais; jogo-os fora, alegremente, porque eles pretendem dar-me notícia de muitos problemas, e eu não tenho e nem quero problema nenhum” (Braga, 2004, p. 118).

Trata-se de um gesto um tanto irônico, haja vista serem os jornais seu espaço de trabalho.

Mas, como foi visto na análise da crônica anterior, para Rubem Braga, escrever é uma “atividade torturante” (Castello, 1996, p. 70) e, para não estragar sua felicidade, ele não quer problemas, sejam externos (as notícias), sejam particulares (a escrita). Como, para ele, “a felicidade é uma suave falta de assunto”, constrói uma crônica com o exato ar da conversa fiada entre amigos, de que se falou há pouco.

Discorrendo sobre o gênero em questão, Antonio Candido avalia algumas características da “fórmula moderna” da crônica e conclui que a união entre “um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma” (Candido, 1992, p. 15). Acredita-se que “A boa manhã” seja bastante representativa da fórmula a que se refere o crítico, uma vez que, ao fato miúdo com sua dose de humor, acrescentam-se instantes de pura poesia.

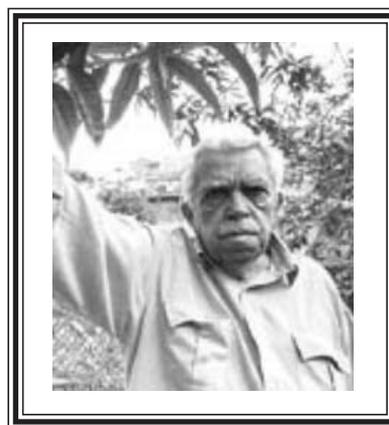
Acordei um pouco tarde, abri todas as janelas para o sábado louro e azul, e o mar me deu bom dia. Passa um pequeno barco branco no mar de safira: como vai ligeiro, como vai contente com seu bigodinho de espumas brilhantes! (Braga, 2004, p. 118).

Como se estivesse pensando em voz alta, a conversa adquire um tom poético em que imagens de leveza transportam para o cotidiano dos leitores todo o lirismo que o cronista é capaz de retirar de seu dia-a-dia tão igual ao de muitas pessoas. O que faz diferença é a maneira como o cronista-poeta vê os fatos miúdos. Assim, tomar banho, chupar laranja, comer arroz e feijão, beber água, tornam-se atos prazerosos.

O texto ensina que a felicidade é simples. Isso não significa que o cronista seja um alienado, muito pelo contrário, ele está a par dos problemas do mundo. Por trabalhar em jornais, esses problemas fazem parte de sua lide diária. O que lhe interessa ressaltar é que os problemas, particulares ou gerais, grandes ou pequenos, não devem pesar tanto a ponto de impedir a pessoa de sentir prazer em estar viva. Mostrando que os pequenos prazeres não são tão pequenos assim,

o cronista parece reafirmar a importância da crônica. E, mais do que isso, ele ressalta a importância do leitor não se esquecendo de incluí-lo em seu momento de felicidade; por isso, deseja que todos sejam felizes: “Bom dia, passem bem todos com suas mulheres, com seus amigos, com suas amantes também” (Braga, 2004, p. 119).

Nessa despedida nota-se um certo ar sectário, como se a leitura de jornais estivesse restrita ao público masculino. Embora isso ainda seja um fato provável — mesmo que não totalmente comprovável —, há de se desculpar o equívoco do cronista, pelo muito que amou as mulheres e pelas tantas belas crônicas em que nelas se inspirou. Mas isso é apenas um detalhe dentro de um texto exemplar construído a partir de “uma suave falta de assunto”.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os leitores de crônicas, geralmente, têm a noção de que aqueles textos simples e breves são superficiais e demandam pouca ou nenhuma elaboração. Esse é mais um dos motivos pelos quais esse gênero tem ocupado uma posição inferior entre as demais formas literárias. Por causa disso, as crônicas, quando não excluídas, são relegadas a um segundo plano nos estudos de literatura, seja no ensino médio — cuja idéia cristalizada de seriedade está, na maioria das vezes, ligada a “peso” e, por isso, privilegia poemas e romances, mesmo que em fragmentos —; seja na academia, geralmente pontuada por noções de valor e erudição fixados nas obras canônicas.

É bem verdade que essa situação vem sofrendo alterações há algum tempo, haja vista os ensaios de críticos como Davi Arriguucci Jr., Eduardo Portella e Antonio Candido, entre outros. Além disso, atente-se para o fato da inserção da crônica como objeto de pesquisa universitária. Tais atitudes lhe permitirão, gradativamente, abandonar a condição de gênero menor. E é bom que isso ocorra, para que se faça justiça a escritores como Rubem Braga, cuja fortuna crítica, hoje, resume-se a alguns poucos ensaios, além do já referido “dicionário (auto)biográfico”. Mesmo porque, como se pode deduzir das crônicas analisadas nesse artigo, o que não lhes falta é elaboração artística. Afinal, não são muitos os escritores que conseguem a proeza de escrever — sem assunto — um texto bem realizado. A esse respeito Davi Arriguucci Jr. observou em Braga:

O assunto podia ser escasso ou faltar, mas o “puxa-puxa”, como o chamou um dia Manuel Bandeira, se fazia assim mesmo, e tanto melhor quanto menos fosse a matéria escolhida. O narrador armava uma esparrela transparente: o pobre leitor incauto caía sempre, enleado naquela rede paradoxal, porque tecida de frases aéreas, soltas, borboleteantes em torno de um alvo incerto e fugidio. De repente, naquela linguagem volátil, se encontrava terra-a-terra com a poesia do cotidiano (Arriguucci Jr., 1985, p. 05).

Como se viu nas duas crônicas aqui analisadas, triste ou alegre, diante de um bom assunto ou “fraco de idéias”, até mesmo quando aparentava nada fazer, o cronista sempre estava fazendo mais do que parecia. Quer estivesse num “sábado louro e azul”, desejando bom dia ao “mar de safira”, quer estivesse ocupado em “carregar sua alma”, ou apenas olhando a praia, era ele quem mais fazia.

T & M

Texto recebido em maio de 2004.
Aprovado para publicação em junho de 2004.

SOBRE A AUTORA:

Luiza Maria Lentz Baldo é Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista da Capes.

REFERÊNCIAS:

ARRIGUCCI JR., D. “Braga de novo por aqui”. In: STEEN, E. (Org.). *Os melhores contos de Rubem Braga*. São Paulo: Global, 1985.
 ASSIS, M. de. “O folhetinista”. In: ---. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.
 BRAGA, R. *As boas coisas da vida*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.
 ---. *200 crônicas escolhidas*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
 CASTELLO, J. *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
 CANDIDO, A. “A vida ao rés-do-chão” In: --- [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
 COUTINHO, A. “Ensaio e crônica”. In: --- (Dir.); COUTINHO, E. (Co-Dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Editora da UFF, 1986.
 LISPECTOR, C. “Ser cronista”. In: ---. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
 MOISÉS, M. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1982.
 MORAES, V. de. “O exercício da crônica”. In: ---. *Para viver um grande amor*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, s. d.
 PROENÇA FILHO, D. (Org.). *Rubem Braga: aventuras*. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2000.



Prazeres da Leitura
(Almada Negreiros - 1932)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
REVISTA TEMAS & MATIZES
www.unioeste.br/saber